

## Ser e estar na cidade literária: as “Kyotos” de Kawabata

Priscila Marchiori Dal Gallo<sup>1</sup>, Eduardo Marandola Jr.<sup>2</sup>

### RESUMO

No contexto das aberturas epistemológicas contemporâneas, a Geografia tem se aproximado da Literatura em busca de outras maneiras de compreensão da relação sujeito-mundo. Esta aproximação tem rendido o acesso a aspectos intangíveis da experiência vivida, da relação com a paisagem e com o lugar. A cidade, grande personagem do romance moderno, é tema instigante para geógrafos e romancistas, revelando suas facetas, mistérios e segredos. O romance *Kyoto*, do autor japonês Yasunari Kawabata, é um instigante itinerário por possibilidades de experiência da cidade, entre o tradicional e o moderno. O romance revela diferentes experiências de ser e estar na cidade, por meio das perspectivas de suas personagens: Chieko (personagem principal) e seu pai, Sada, os quais interagem com a cidade e seus lugares atribuindo-lhes significados específicos, o que se desdobra em espaços de vida que são construídos social e culturalmente (gênero, idade, trajetórias de vida) e individualmente (gostos, costumes, valores). As experiências das personagens são chaves de acesso para estas *Kyoto's* literárias, em suas geograficidades e espacialidades

**Palavras-chave:** Geografia e Literatura, experiência urbana, geograficidade, literatura japonesa

## Being in literary city: the “Kyotos” of Kawabata

### ABSTRACT

In the context of contemporary epistemological openings, Geography has been approximating to Literature seeking other ways to comprehend the subject-world relation. This approximation has rendered the access to intangible aspects of the lived experience, the relation with the landscape and with the place. The city, great character of the modern novels, is an instigating theme for geographers and novelists, revealing its facets, mysteries and secrets. The novel *Kyoto*, of the Japanese writer Yasunari Kawabata, is an instigating itinerary between the traditional and the modern, for experience possibilities in the city. The novel reveals different experiences of being in city, through each character's perspective: Chieko (main character) and Sada (Chieko's father), who interact with the city and it is location bestowing upon them specific meanings, unfolding in life spaces that are constituted socially and culturally (genre, age, life paths) and individually (tastes, customs, values). The experiences of the characters are crucial to access these literary Kyotos, in their geographicity and spatiality.

**Keywords:** Geography e Literature, urban experience, geographicity, Japanese Literature

### 1 APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

Algumas correntes da Geografia, por reconhecerem que o conhecimento geográfico está presente no mundo, para além do cânone acadêmico, têm se aproximado da maneira singular de conceber, perceber, apreender o

mundo de forma intuitiva, vivida (WRIGHT, 1947). Esses contatos têm permitido angariar e introduzir maneiras diversas de compreensão e entendimento da relação de reciprocidade e afetividade estabelecida entre o sujeito e seu mundo. Essa que envolve uma leitura complexa da

forma como o indivíduo experiência e processa (cognição) os estímulos sensoriais a que ele está sujeito continuamente.

A literatura é uma dessas formas de conhecimento que tem atraído a atenção dos geógrafos pela sua maneira particular de expressar e revelar os possíveis modos de vida, de indivíduos e coletividades. As narrativas literárias traçam possíveis geografias, instigando/convidando a uma reflexão das formas de ser-e-estar no mundo, com uma postura mais sensível e aberta. Os textos literários expressam percepções das qualidades do mundo vivido e das inter-relações sujeito-lugar nos revelando aspectos intangíveis da experiência, dando “visibilidade a experiências íntimas” (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009, p.13).

Sua riqueza tem sido percebida tanto do ponto de vista de sua expressão (a materialidade espacial que ela revela), suas espacialidades, quanto da profusão de sentidos que ela produz e nos faz, a partir de sua narrativa, poética e estética, imaginar geograficidades (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009). Isso tem pelo menos duas implicações: (1) a geografia, como parte do mundo, também é parte da narrativa literária; (2) sendo isso verdade, a geografia compõe o romance, tanto materialmente (espacialidade) quanto simbolicamente (geograficidade).

Esses dois pontos abrem uma seara interdisciplinar de aproximação da ciência geográfica com a literatura, onde ambas têm se inclinado a procura de possibilidades para explorar esta senda. Entre os vários caminhos possíveis, o dos

mapas literários têm se mostrado muito promissor enquanto possibilidade de reduzir o texto, por assim dizer, a elementos que ajudem a compreender fios e entre-linhas estruturantes ou subjacentes à própria narrativa.

Esta é uma das estratégias que o literato italiano Franco Moretti tem utilizado em seu esforço em reinventar a crítica literária. Para isso ele busca o diálogo com a Geografia e sua linguagem por excelência: o mapa. Em *Atlas do romance europeu: 1800-1900*, Moretti (2003) ele cartografia os romances, os lugares e trajetos, utilizando a linguagem cartográfica e o raciocínio geográfico para adensar os sentidos do romance, buscando uma geografia literária. Esta, para Moretti, tem dois sentidos: o estudo do espaço na literatura, que é mais ficcional, e o estudo da literatura no espaço, que é mais historicista.

Seus mapas são ferramentas analíticas que lhe permitem ver a lógica interna da narrativa e com isso acessar sentidos intrínsecos à espacialidade. Em *A geografia vista de longe*, ele avança em sua proposição, atentando para a importância das regularidades, da geometria e dos sentidos e lógicas organizativas intrínsecas a estas espacialidades (MORETTI, 2008). Ele lembra que os espaços não têm importância apenas na relação com eles, mas que os espaços em si e para si são igualmente importantes, o que reforça a necessidade de olhar para a narrativa com um olhar voltado para a construção material das relações topológicas.

Os mapas, portanto, podem tanto revelar ordens espaciais quanto adensar sentidos e geografidades vividas. Quando tomados enquanto espaços de vida, ou seja, trajetórias e lugares da vida de indivíduos (MARANDOLA JR., 2008), expressam a própria experiência, revelando envolvimento espaciais distintos. Freqüentar certos lugares ou não é uma forma de estabelecer divisões, sentidos e pontos de vista diferentes, numa lógica subjacente à narrativa.

Podemos perceber este recurso no romance *Kyoto*, do japonês Yasunari Kawabata (1899-1972). O livro trata do cotidiano da jovem Chieko e de seu pai, Sada, na velha capital imperial. A cidade vai sendo apresentada através de seus lugares. Com o desenrolar da narrativa, as experiências e vivências de Chieko e de Sada revelam Kyotos diferentes. Chieko vive a capital desfrutando de suas expressões culturais (tradicional ou não), vivendo a cidade sem prerrogativas, aberta para conhecer novos espaços. Sada vive uma Kyoto permeada de memórias mais profundas e intensas, sempre buscando resguardo na tradição e na familiaridade de seus lugares diante das transformações da cidade e da sociedade japonesa.

A trama de *Kyoto* traz à luz a espacialidade da antiga capital através das geografidades, nesse caso, **geografidades literárias**: traçado da essência da relação orgânica sujeito(personagem)-lugar revelando os processos internos de construção dessa relação, através da expressão de sua dimensão experiencial. Tal relação gradativamente se aprofunda e fortifica

em função da percepção e cognição dos múltiplos estímulos sensoriais, que aproximam os sujeitos-(personagens) e lugar-(Kyoto).

O acesso à espacialidade de Kyoto através da descoberta das suas geografidades exige uma busca por elucidar as possíveis formas de viver **na** e **a** cidade de Kyoto. Essa busca envolveu dois movimentos: (1) perscrutar o romance percorrendo juntamente com as personagens os caminhos de Kyoto e (2) traçar essas diferentes cidades vividas, identificando processos constitutivos de geografi(cidades) a partir da espacialidade de seus espaços de vida.

Mas primeiro, precisamos percorrer a cidade, seus sentidos e geografidades reveladas pela literatura.

## 2 CIDADES LITERÁRIAS: A CIDADE EM SEUS CANTOS E ENCANTOS

Os homens como sujeitos citadinos estão imersos na densidade da ambiência das cidades. Essas se configuram como centros da vida social e pólos de intercâmbio cultural e intelectual e têm inspirado o imaginário social e artístico. A perplexidade causada pela intensidade das novidades, debates, fluxos e a rotatividade das pessoas, sons, ideias e estilos incitou reflexões, observações, descrições numerosas e diversas sobre esse labirinto quase indecifrável que são as cidades (PINHEIRO; SILVA, 2005).

Costa (2006) propõe pensar a cidade em três dimensões complementares e indissociáveis: **artefato**, **campo de forças** e **imagem**. Como artefato, a cidade é materialidade produ-

zida por diversas forças (sociais, territoriais, culturais, econômicas) que se confrontam e interagem, mas ao mesmo tempo é vetor desse campo de forças. Como imagem e representação ela incorpora “esquemas de inteligibilidade, classificações, memória, ideologia, valores, expectativas, etc.” (COSTA, 2006, p. 38). A cidade então abarca dimensões diferentes e superpostas: uma **física** de estruturas que podem ser percorridas e tocadas e uma **simbólica** que a ordena e interpreta e lhe agrega valor e sentido (PINHEIRO; SILVA, 2005).

A diversidade de arranjos entre essas dimensões dota cada cidade em cada tempo de singularidades e especificidades em termos de fisionomia, dinâmica e relações estabelecidas entre habitante-sítio-forma. Essas relações se desdobram numa complexidade e riqueza de detalhes em seu cosmo físico (SILVA, 2001) e uma multiplicidade de formas de existência (materiais e simbólicas), que são capazes de provocar fortíssimas e contínuas estimulações sensoriais configurando-se como referenciais imagéticos (PESAVENTO, 2002). Esses estímulos em conjunção com as diferentes leituras e interpretações que emergem quando os indivíduos travam relações intersubjetivas com a cidade fomentam a formulação de imagens densas de significações e simbologias. Essas imagens urbanas podem ser expressas de diferentes formas.

Dentre essas formas, as narrativas literárias têm uma longa tradição. A literatura é uma das fontes mais perenes de preservação das

memórias das cidades ao longo da história. Uma obra literária registra o contexto histórico, cultural e social em que o autor está imerso ganhando ares de um registro permanente o qual “bridge the continually widening chasm between past and present.” (TUAN, 1993, p. 221). Os textos literários trazem as cidades em sua forma mais essencial, permitindo-nos apreendê-las de diferentes ângulos. As experiências e existências reveladas na conjugação da construção das personagens e seus espaços literários, traçada nas obras, nos dá acesso à cidade de múltiplas maneiras. Os romances trazem a cidade como tema e personagem: ao mesmo tempo em que embasa a estrutura narrativa ela vai se compondo e tomando corpo com o seu desenrolar. Descobrimos e reconhecemos os cantos e recantos da cidade num ato da exploração do universo existencial escrito (literário) (GRATÃO, 2010) tecido pelas geograficidades literárias.

A literatura permite a expressão da “voz interior” (BASTOS, 2000, p.49) dos autores, ou sua subjetividade, tornando inteligível a sua cidade imaginada, a cidade do pensamento (PESAVENTO, 2002). A trama literária estende uma ponte para as cidades subjetivas (cidades invisíveis estruturadas pelas experiências) e emergirem e ganharem forma, contornos, sentidos, significados... existência, reconhecida na intersubjetividade leitor-obra (conexão de internalidades por um nexo literário). As concepções imagéticas dos autores se presentificam no texto literário cuja trama ao ser composta transforma sensações, experiências e vivências numa estru-

tura narrativa a qual se fundamenta na geografia literária.

Conforme as concepções imagéticas vão se condensando elas adensam os sentidos em torno de si, o que tem um efeito gravitacional fortíssimo capaz de atrair os leitores para dentro delas e os fazer deixar de ser apenas eles mesmos, para tornarem-se outros, compartilhando seu mundo e o que significa viver nele (QUEIROZ FILHO, 2007). Nessa simbiose leitor-personagem é que o mundo da narrativa ganha existência, significado e sentido. A narrativa funda, cria e sustenta um novo mundo habitado pela personagem, o qual coloca o leitor (entre-gue a esse mundo) em interação com outras experiências humanas (semelhantes ou não às suas), que transformam o espírito do leitor ampliando em sua consciência as possíveis maneiras de ser, possibilitando-o melhor compreender a condição humana e o mundo (TODOROV, 2009).

Moretti (2003) aponta que o texto literário é resultante de duas forças opostas, mas complementares: uma força externa e uma força interna. Num duplo movimento o mundo se internaliza pela atividade perceptiva e experiência sensível (MERLEAU-PONTY, 2006) e se externaliza através do texto literário como uma reconstituição dessa experiência (POCOCK, 1988) que toma a forma de uma projeção permeada pelas concepções artísticas e o próprio estilo da narrativa e sua estética.

A passagem da imagem gestada no mundo interior para o mundo exterior está permeada

pelas intencionalidades do autor e se dá através de um processo cognitivo que estrutura e organiza a realidade captada/apreendida através da linguagem literária (POCOCK, 1988). Esse processo se mostra fundamental para que a literatura possa ser, como Brosseau (1994) afirma, uma fonte valiosa para um exame subjetivo da apreciação e experiência do mundo, pois essa só pode ser compreendida ou tornar-se inteligível ao ser organizada e reconstituída (TUAN, 1978; POCOCK, 1988).

Exteriorizar as experiências por meio de uma narrativa literária concebendo personagens e dando forma a espacialidades é uma maneira especial de criar geografias, que revela possíveis faces da existência do e no mundo, mais do que isso é capaz de qualificar as relações estabelecidas entre o sujeito e seu mundo, ao transmitir as experiências de mundo em toda sua riqueza (MARANDOLA, 2006).

Por sua potencialidade de elucidação das realidades subjetivas, o texto literário é capaz de romper com o “automatismo perceptivo” (BUENO, 2000), trazendo aspectos despercebidos da ambiência citadina que se tornam opacos pela sua naturalização em função da familiaridade dos indivíduos com esses. A carga de significados que os fenômenos são recobertos e todo o imaginário em que ele está envolto faz com que se estabeleçam hábitos de pensamento e conduta os quais tornam seu reconhecimento automático. O fenômeno com o tempo começa a ganhar certa opacidade, por conta da formulação previa de um caminho de resgate na memória

dos sujeitos, através de um significado ou imagem a ele atribuída (FERRARA, 1997).

Moretti (2003) nos fala do engano que o familiar ou óbvio pode causar, afirmando que o conhecido quando considerado demasiado conhecido é na verdade, em muitos aspectos, inexplorado. Os artistas atentam as nuances. Todas as formas de existência têm múltiplos aspectos, ângulos e acessos, os artistas primam pelas descobertas dessa multiplicidade, sendo por vezes, eles os primeiros (talvez os únicos) a percebê-las, e em sua inquietação e desejo de compartilhar a mostrá-las, ou melhor, desvelá-las.

As expressões artísticas fazem um convite à contra balançar o endurecimento das respostas, isto é, respostas que não envolvem reflexão, já estão construídas. Propõem uma libertação da mente e abertura a novos estímulos (Kneller, 1978). A arte instiga a vivacidade dos sentidos e a receptividade aos infinitos detalhes, sejam eles efêmeros ou insignificantes, como Tuan (1993, p. 222) coloca para as artes em geral: “the things that are easily and usually overlooked acquire [...] the authority of a quasi-mystical presence”. A arte (literatura) possibilita o resgate da sensibilidade colocando em suspensão a ideia de domínio e obviedade, permitindo o retorno a um mundo anterior ao conhecimento e a abertura ao novo e ao imprevisível. Para podermos redescobrir o suposto conhecido é necessário que sejam postas entre parênteses as malhas de significados atribuídas aos fenômenos para

que se possa vê-lo de forma transparente e não mais opaca.

A linguagem artística propõe novas visões do mundo, o contato com uma obra tem o poder de metamorfosear nossa forma de ver o mundo e os significados que damos a ele. Uma obra tem um efeito profundo: ela adentra, questiona, constrói e destrói o universo interno de significações e imagens do sujeito no processo em que as imagens subjetivamente formuladas e significadas entram em fusão com as imagens concebidas pela obra e seu autor (OLIVEIRA JR., 2001).

Deixar transparecer o movimento de redescobrimto dos fenômenos, tão caro aos artistas, por meio de um retorno às essências se configura como uma proposta pra uma nova experiência estética. O artista não se esforça em compor os fenômenos e usurpar a imaginação do receptor, pelo contrário: ela deixa o receptor livre para seus devaneios.

### 3 AS TRAMAS LITERÁRIAS DE KYOTO

A narrativa do romance *Kyoto*, de forma geral, se desenvolve entorno do cotidiano da personagem principal: Chieko (jovem japonesa, filha única da família Sada) traçando suas descobertas sobre seu passado.

A trama de Chieko decorre de um embate da personagem em relação a sua origem: suas dúvidas com relação à verdade sobre seu nascimento, se realmente nasceu na família Sada. Chieko permanece com essa dúvida, no entanto,

não se dispõe a uma busca para descobrir a “verdade” e continua a exercer suas atividades cotidianas. Isso, até que em uma de suas visitas a um templo (durante o festival Gion<sup>3</sup>) reencontra sua irmã gêmea (Naeko) há muito tempo perdida, a qual desconhecia a existência. Esse encontro, que ocorre por um acaso, ao invés de aliviar as dúvidas iniciais de Chieko a respeito de suas origens, a confunde ainda mais. Seu passado desconhecido retorna junto com sua irmã perdida.

Em um primeiro momento, Chieko rejeita a ideia de ter uma irmã, contudo à medida que ela se aproxima de Naeko, por curiosidade, ela descobre a “verdade” sobre seu passado. Por terem nascido gêmeas, Chieko foi abandonada pelos pais, pois esses devido a suas privações não tinham condições de criar dois bebês ao mesmo tempo. Naeko, apesar de ter permanecido com os pais, não viveu com eles muito tempo, ambos morreram quando ela ainda era bebê. O encontro das irmãs culmina na revelação aos Sada sobre a existência de uma irmã gêmea, no entanto, ao contrário do que se poderia esperar, as irmãs não passam a conviver juntas.

Naeko tem certa relutância em permanecer com sua irmã, o mundo em que elas se criaram era por demais diferentes. Chieko cresceu num berço de ouro no convívio com os pais, já sua irmã era uma montanhosa que viveu sem seus pais trabalhando a vida toda. Seus mundos eram conflitantes e Naeko não desejava causar problemas para a irmã com sua presença, cada

uma continuaria a viver suas vidas nos lugares aos quais pertenciam.

A trama de Chiko é traçada pelos caminhos que transparecem suas descobertas e preocupações, de início, vinculadas a uma vivência despreocupada da cidade, guiada em grande medida pelo desfrute da beleza da velha capital. Contudo com a reviravolta em sua vida com a revelação de seu passado, seus trajetos são conduzidos pelo desejo de (re)conhecer-se e aproximar-se de sua irmã. Esses caminhos levam Chieko a experienciar diversos lugares tanto no interior da cidade de Kyoto, quanto no exterior dessa (suas proximidades). Essas experiências no caminhar de Chieko vão enlaçando os lugares a ela e ao mesmo tempo conectando-os e arranjando-os num esquema espacial, ou vai tecendo seu espaço de vida. Esse possui ramificações que o amarra aos esquemas de outras personagens, as quais em função das relações de parentesco e amizade com Chieko compartilham caminhos e lugares.

O espaço de vida de Chieko tem ramificações mais numerosas, estando profundamente imbricado com o espaço de vida de seu pai, Sada. Isso porque, ainda que o cotidiano de Sada e Chieko tenha suas particularidades, Sada foi quem apresentou para Chieko, em sua infância, grande parte dos lugares que ela continua a frequentar em sua juventude. Entretanto, mesmo que compartilhem lugares e suas trajetórias e histórias na narrativa estejam inter-relacionadas as motivações e forma como eles conduzem suas rotinas estão permeadas pelas suas diferen-

ças de **gênero, geração** e traços de **personalidade** que orientam suas preferências pelos lugares e, portanto sua relação com a cidade.

A trama de Sada vai sendo traçada em torno de suas inquietações e anseios pessoais. Sua trama está envolvida por um forte embate entre tradição e modernidade, o qual permeia aspectos diversos da sua vida.

Sada não esconde sua incorformidade com relação às mudanças no ramo da confecção de kimonos<sup>4</sup> e obis<sup>5</sup>, atividade que exerce como desenhista de motivos para obis e dono de uma confecção. Ele lamenta o declínio do ato artesanal/tradicional ligado à confecção/criação manual dos obis, que passam a ser produzidos industrialmente e vendidos em estabelecimentos que passaram a simplesmente comercializá-los, juntamente, por vezes com bugigangas (como pequenos rádios), bem como, não se conforma quando as novas estampas trazem elementos não tradicionais, como as flores ocidentais. Ele desgosta a cor berrante das tulipas, e as compara às tendências da moda contemporânea, diferentes da discreta estética tradicional japonesa.

O envolvimento de Sada com a arte tradicional de confecção de kimonos perpassa seu grane anseio de criar desenhos que possam ser utilizados nos tecidos, tanto que ele se retira para um mosteiro afastado de Kyoto para buscar inspiração.

Para além da arte da confecção dos kimonos e obis, a admiração de Sada para com a cultura japonesa se vincula ao contato com uma das expressões artísticas mais enraizadas na

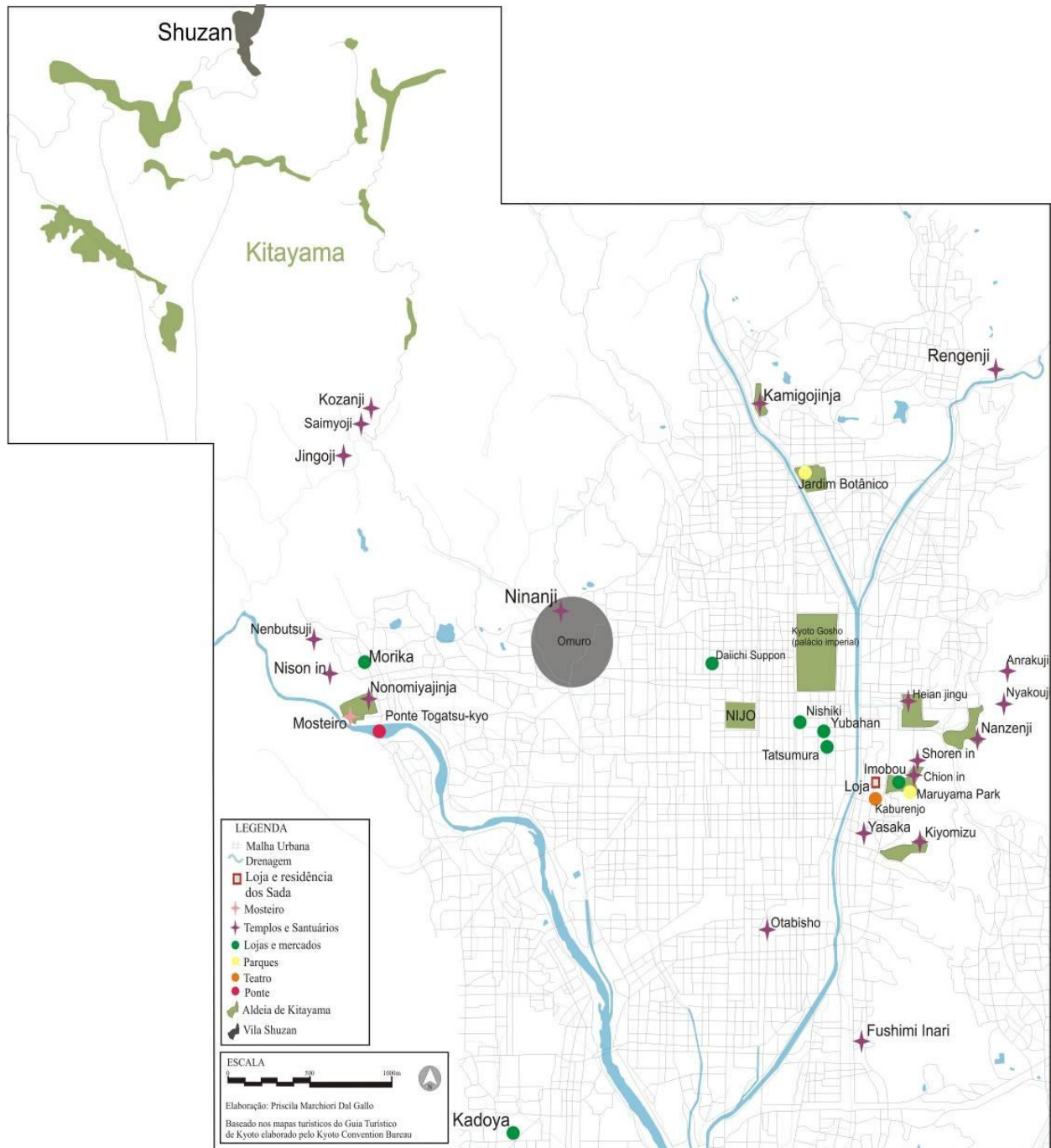
concepção de beleza e tradição japonesa: as gueixas. Sada tem um íntimo contato com a aura quase mística que as envolve, sendo freqüentador do distrito das gueixas, Hanamachi, bem como dos teatros em que elas realizam suas apresentações artísticas.

A Kyoto de Sada é a de um grande admirador da cultura tradicional, alguém que está comprometido com a preservação das tradições e que reflete sobre as mudanças. A trama decorre de suas visitas aos espaços culturais tradicionais de Kyoto, que envolvem mais que os templos, englobam também teatros e casas de chá (ocha-ya), muito comuns em Kyoto, e em menor medida, visitas a espaços de mudança/transformação.

#### 4 EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE KYOTO

As experiências divergentes e ao mesmo tempo confluentes das personagens permitem adentrar e se integrar ao universo de Kyoto de diferentes perspectivas, mas especialmente de duas: da perspectiva de uma jovem filha e a de um pai. Diferentes perspectivas levam a diferentes sensações/interações e atribuições de significado aos lugares e à própria cidade, bem como, a diferentes esquemas espaciais dessa. Kyoto é revelada pelo desenho dos espaços de vida das personagens, os quais revelam os lugares compartilhados e os lugares “individuais” que possuem sua freqüência controlada por gênero ou idade.

A Kyoto de Chieko é a cidade dos templos e festivais, seus percursos a levam aos lugares da tradição, com os quais ela estabelece uma relação de profundo encantamento pelo contato com sua beleza. Esses lugares fazem parte de sua vida e de suas memórias (Figura 01).



**Figura 1** – Lugares do Espaço de Vida de Chieko

Chieko vivencia os diversos festivais e percorre os templos em diferentes épocas (Kawabata traça a narrativa de *Kyoto* no decorrer de um ano), o romance percorre todas as estações iniciando na primavera e terminando no inverno. Essas são marcadas por seus próprios simbolismos e eventos.

Os percursos de Chieko na primavera de *Kyoto* envolvem a contemplação das sakura<sup>6</sup>. A personagem visita jardins de diferentes templos repletos de sakura em florescência, a beleza da sakura se esvanece rapidamente, as flores morrem após apenas alguns dias. Nessa breve período as pessoas se reúnem sob as árvores para a apreciação de uma explosão de cor, antes das sakuras perderem suas flores: o hanami<sup>7</sup>. Esse hábito de contemplação das flores tem um significado especial em *Kyoto*, pois o florescimento das sakuras é um símbolo máximo da primavera da velha capital.

Outros templos trazem outras belezas cênicas naturais que atraem Chieko como corredores de enormes canforeiras cuja presença a impressionava e intimidava. As canforeiras são vinculadas a momentos de introspecção e reflexão

A atratividade dos templos se vincula também aos seus festivais, dos quais Chieko sempre participou por incentivo de seu pai. Os festivais estão associados a comemorações tradicionais que marcam épocas ou estações do ano. Esses festivais se ligam a ritos seculares que se repetem pelo respeito à crença nas entidades e no sagrado.

Um festival bastante apreciado por Chieko, que ocorre no mês de julho, é o Festival Gion, um festival do verão quente de *Kyoto* que consiste no desfile de carros alegóricos pelas ruas da cidade embaladas por músicas tradicionais. No outono, ocorre um grande festival: Daimonji<sup>8</sup>, que se dá no mês de agosto. No dia 16 desse mês ocorre a queima de fogos que marcam gigantescos ideogramas em quatro montanhas, marcando a chegada da estação. Chieko desde criança tinha grande apreensão pela chegada do tempo do Daimonji, as montanhas iluminadas pelos grandes ideogramas.

Longe dos templos, Chieko aprecia a beleza cênica de Kitayama (uma vila afastada de *Kyoto*), onde podem ser encontradas as florestas de cedros, admirados pela sua imponência e retidão. Chieko tinha o costume de visitar a floresta de cedro em diferentes épocas, na primavera gostava de ver o viçoso verde das folhas tenras, os verdes novos, contrário do outono em que a floresta ficava avermelhada deixando de ser vistosa, tornava-se discreta demais. No inverno Chieko se encanta pela aparência dos cedros em que neve se acumula nas folhas parecendo flores de inverno.

Para além das belezas cênicas, Chieko em seu cotidiano tem contato com a beleza das tradições culturais, através de estabelecimentos comerciais que conservam práticas milenares de confecção artesanal alimentos tradicionais, alguns são até mesmo adotados como típicos dos festivais.

A Kyoto de Chieko, contudo, é também a cidade dos lugares da modernidade com os quais ela estabelece uma relação de maravilhamento. Chieko percorre lugares cujos padrões são distintos dos orientais, no entanto, o jardim botânico de Kyoto é o que lhe causa maravilhamento. Seu encantamento está em parte na configuração espacial e elementos paisagísticos que os diferem dos templos. Em uma visita ao jardim botânico, Chieko (junto com seus pais) encontra um extenso campo de tulipas, o qual ela admira profundamente por suas cores diversas e vibrantes (ao contrário de seu pai, que as despreza).

Percorrendo os caminhos de Chieko nota-se que ela estabelece ao mesmo tempo uma rede de lugares bastante abrangente (seu espaço de vida se estende por uma ampla extensão de Kyoto, transbordando em alguns casos os limites da cidade), mas muito seletiva (a rede se estende na porção central de Kyoto e é composta basicamente por lugares da tradição). Chieko visita com grande frequência lugares próximos à sua residência, entre templos e estabelecimentos comerciais, embora também explore lugares fora de Kyoto, como as proximidades de Kitayama e Saga.

Os percursos de Chieko são realizados em grande parte a pé, em suas visitas aos templos ou no cumprimento de suas tarefas (nos estabelecimentos) ela percorre, por vezes, uma sequência de templos caminhando, o que lhe dá oportunidade de desfrutar ao máximo da cidade. Distâncias maiores são vencidas através de ou-

tros meios. Tanto Kitayama quanto Saga exigiu que Chieko se deslocasse de ônibus, no entanto, uma vez estando em Kitayama ou Saga ela não se vale mais do transporte contemplando o lugar caminhando entre seus templos e suas florestas de cedros ou suas florestas de bambu.

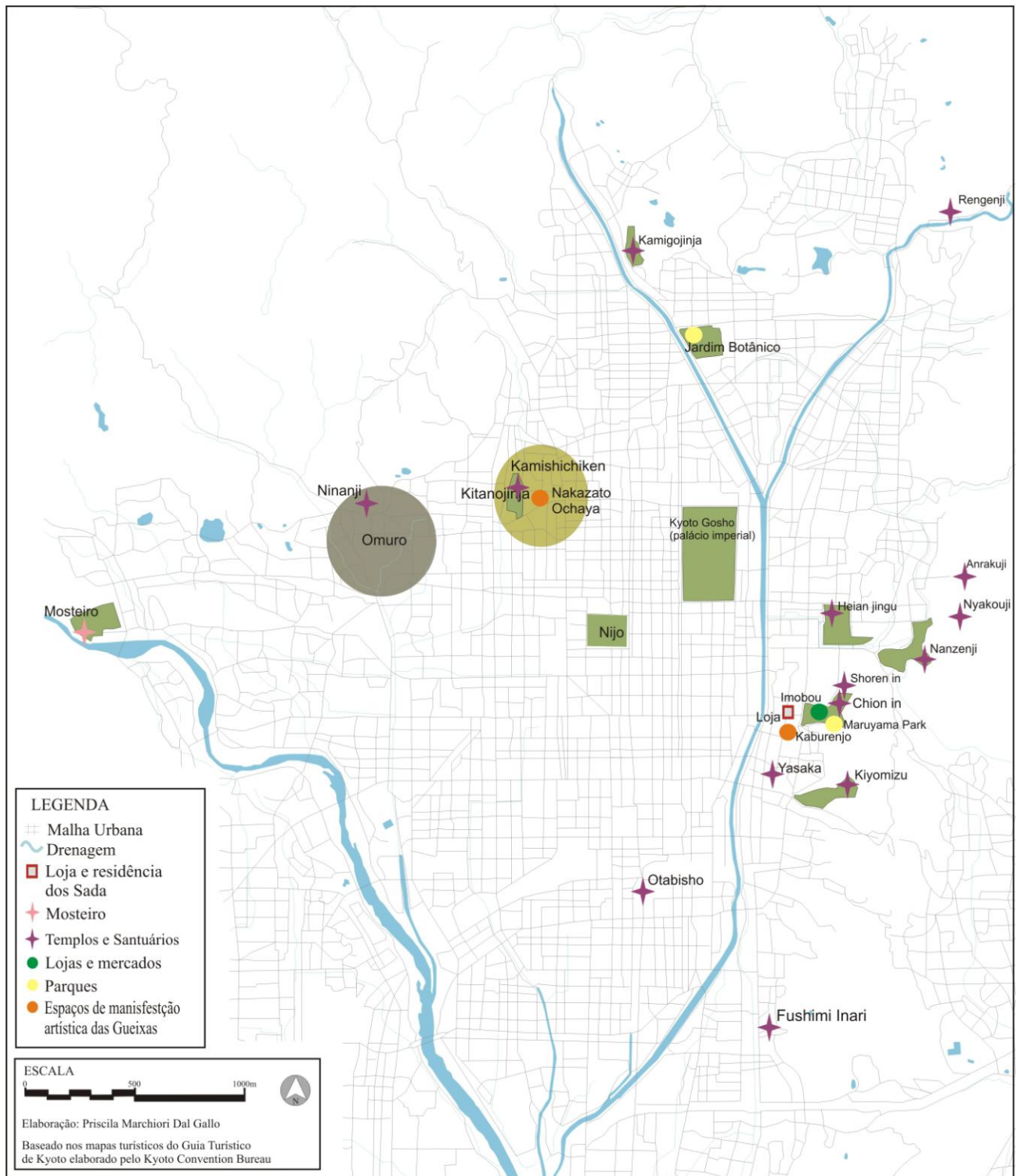
A Kyoto de Sada, assim como a de Chieko, agrega tanto lugares da tradição quanto os da modernidade. Contudo, a relação de Sada com os últimos não é de maravilhamento, mas de rejeição (Figura 02).

Sada tem os templos de Kyoto como importantes lugares de memória. Sua ligação com eles remete a sua juventude, quando ele os frequentava com seus amigos, e os mantém com visitas que faz junto com sua esposa e/ou Chieko, ou mesmo sozinho. Dois dos elementos presentes na paisagem dos templos que chamam atenção de Sada são as canforeiras (árvore típica do oriente), cuja grandiosidade e beleza ele admira; e as florestas de bambu, que marcam a estação de outono e agradam muito a Sada. A aparência dos bambuzais se sincroniza com os gostos estéticos dele. Os bambuzais estão presentes também no mosteiro budista (em Saga) ao qual ele se retira para concentrar-se na criação de seus desenhos.

Para além dos templos e mosteiros, dentre os lugares de memória de Sada está o distrito das gueixas: Hanamachi. Em um de seus percursos por Kyoto, Sada reencontra uma dona de um ocha-ya que o leva até o distrito (frequentado mais assiduamente em sua juventude). Nesse ele passa algumas horas visitando um pequeno

templo e na companhia das gueixas. O teatro Gion Kaburenjo, um espaço de expressão da cultura da gueixa e suas manifestações artísticas

tradicionais é outro dos lugares que mantem Sada em contato com a cultura das gueixas.



**Figura 2 – Lugares do Espaço de vida de Sada**

Contrastando com a sincronia de Sada com esses lugares, está sua relação com os lugares da modernidade, como o Jardim Botânico. Para Sada, o campo de tulipas (uma das paisagens marcantes do jardim) tem sua beleza, mas ele não o incorpora em suas preferências estéticas. A cor exuberante das tulipas o cansa rapidamente. Sada prefere as cores mais sóbrias e delicadas das sakuras e bambuzais. Em seus percursos, ele nota a crescente presença de construções de arquitetura ocidental em alguns bairros de Kyoto (bairros ocidentais), os quais são vistos quase como intrusivos.

Os caminhos de Sada arranjam uma rede de lugares menos abrangente, ele percorre uma extensão menor de Kyoto e há uma tendência de seu espaço de vida concentrar-se nos lugares próximos de sua casa, poucos são os lugares distantes. E ainda que ele tenha se deslocado para Saga, sua experiência da região restringiu-se ao mosteiro. O espaço de vida de Sada pode ser considerado mais restritivo e tão ou mais seletivo que o de Chieko (sua preferência pelos lugares da tradição).

Seus percursos são feitos tanto caminhando quanto através de transportes (taxi e bonde). Por vezes, percorreu os templos caminhando juntamente Chieko contemplando-os. Mas para ir a lugares mais distantes como Saga, ou mesmo, o jardim botânico e Omuro, Sada recorreu ao taxi e para Kamishichiken (Hanamachi) recorreu ao bonde.

## 5 PERCORRENDO ESPAÇOS DE VIDA: FORMAS DE SER-E-ESTAR NA CIDADE

Os espaços de vida de Chieko e Sada expressam diferentes formas de se relacionar com a velha capital. Um olhar atento revela algumas peculiaridades na rede de lugares das personagens, indicando singularidades na forma de vivê-la, ligado às motivações, restrições e preferências (de percursos e lugares) de Chieko e Sada. Essas singularidades estão assinaladas nos seus espaços de vida de modo marcante pela presença exclusiva de certos lugares como: os estabelecimentos comerciais, no caso de Chieko, e o Kamishichiken (onde se encontram as gueixas), para Sada.

A Tabela 1 sistematiza todos os lugares compartilhados por Sada e Chieko, classificando-os de acordo com o tipo do lugar, a ação desenvolvida, sua vinculação aos sistemas de valores orientais (tradição) ou ocidentais (modernização) e sua localização nos distritos dentro e fora de Kyoto.

Notamos uma concentração quase total na cidade de Kyoto, envolvendo dois lugares ocidentais: Tatsumura – loja de tecidos e o Jardim Botânico. Nesses Sada não deixou de demonstrar sua insatisfação (aversão ao ocidente presente nesses lugares), em Tatsumura por considerar uma loja para ocidentais, pois (1) vende além dos tecidos tradicionais, tecidos ocidentais e vestuário ocidental e (2) é frequentada por turistas/ocidentais e no Jardim Botânico (1) pela presença de moradias ocidentais no entorno e

(2) pela própria paisagem em si (ocidental).

**Tabela 1** – Lugares do Espaço de Vida compartilhados por Sada e Chieko em Kyoto, de Yasunari Kawabata

|                    | NOME            | LUGAR              | AÇÃO DESENVOLVIDA                                                                                                                                                                                                       | ORIENTE/<br>OCIDENTE | LOCALIZAÇÃO |
|--------------------|-----------------|--------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|-------------|
| COMPARTI<br>LHADOS | Mosteiro        | Mosteiro           | Para onde Sada se retira para inspirar-se/Chieko vai ao mosteiro em visita a seu pai                                                                                                                                    | Oriental             | Saga        |
|                    | Ninanj          | Templo             | Apreciação da floração das Sakura                                                                                                                                                                                       | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Loja dos Sada   | Atacado de kimonos | Residência dos Sada                                                                                                                                                                                                     | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Fushimi Inari   | Templo             | Compra dos Hotei (Deus da fortuna) na festa de Hatsuuma (festividades nos santuários Inari)                                                                                                                             | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Kiyomizu        | Templo             | Chieko e os pais costumam ir para apreciação da floração das Sakura e Chieko percorre vários templos com seu amigo Shinishi a fim de contemplar a beleza paisagística desses                                            | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Chion in        | Templo             | Chieko e os pais costumam ir para apreciação da floração das Sakura e Chieko percorre vários templos com seu amigo Shinishi a fim de contemplar a beleza paisagística desses                                            | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Shoren in       | Templo             | Chieko e os pais costumam ir para apreciação das canforeiras                                                                                                                                                            | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Nanzenji        | Templo             | Chieko e os pais costumam ir para apreciação da floração das Sakura e Chieko percorre vários templos com seu amigo Shinishi a fim de contemplar a beleza paisagística desses                                            | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Nyakouji        | Templo             | Chieko gosta de apreciar as folhas tenras, dos verdes novos dos bordos abundantes nas imediações do templo e costuma ir com seus pais assistir a colheita do chá                                                        | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Heian Jingu     | Templo             | Chieko e os pais costumam ir para apreciação da floração das Sakura e Chieko percorre vários templos com seu amigo Shinishi a fim de contemplar a beleza paisagística desses                                            | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Anrakuji        | Templo             | Chieko e os pais costumam ir para apreciação da floração das Sakura e Chieko percorre vários templos com seu amigo Shinishi a fim de contemplar a beleza paisagística desses                                            | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Imobou          | Casa de chá        | Onde os Sada encontraram Chieko quando bebe                                                                                                                                                                             | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Yasakajinja     | Santuário          | Um dos lugares sagrados onde ocorre as comemorações do Festival de Gion                                                                                                                                                 | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Rengenji        | Templo             | Apreciação da floração das Sakura                                                                                                                                                                                       | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Jardim Botânico | Jardim Botânico    | Chieko e seus pais vistam o Jardim, por vontade de Chieko que gosta de seus campos de flores, pelos corredores de canforeira que Sada apreciava e pela vista para o monte hieizan e montanhas de Higashiyama e Kitayama | Ocidental            | Kyoto       |
|                    | Kaburenjo       | Teatro             | Expressões artísticas das Maiko (aprendizes) e Gueixas                                                                                                                                                                  | Oriental             | Kyoto       |
|                    | Tatsumura       | Loja               | Venda de tecidos, kimonos e vestidos                                                                                                                                                                                    | Ocidental            | Kyoto       |

Fonte: Elaborado a partir de Kawabata (2006).

Chieko por sua vez demonstra seu interesse e deslumbramento por ambos.

Em geral, os lugares são aqueles em que a família vai junta, para participar e manter tradições, ligadas às estações do ano, aos festivais e outros costumes. É também onde Chieko se

encontra com amigos, com ou sem os pais, para conversar, jantar e se divertir.

O único lugar fora de Kyoto é o Mosteiro, em Saga, que na verdade é visitado por Chieko enquanto visita seu pai em seu retiro, e não como uma visita em si (cuja motivação seria bus-

car um contato ou apreciação do lugar). No entanto, diferente de Sada, ela percorre vários lugares do entorno, aproveitando para conhecer e apreciar as belezas paisagísticas naturais ou construídas presentes nos templos, além de realizar algumas tarefas funcionais, como comprar tofu na loja Morika, que conserva uma forma tradicional e artesanal de produção do tofu.

A Tabela 2 mostra os lugares do espaço de vida individuais de Sada e de Chieko.

Fica claro a amplitude do espaço de vida de Chieko, que circula por uma gama maior de lugares, de tipos diferentes, tanto para contemplação e apreciação estética, como os templos, quanto para tarefas cotidianas como as lojas. A proximidade da residência dos Sada com relação a diversos templos dá ampla possibilidade de uma participação mais ativa e intensa nas comemorações e festividades (fundamentos da existência desses templos) que passam a fazer parte do cotidiano da família, e especialmente de Chieko.

Apesar de Chieko compartilhar com seu pai muitos lugares, ela tem outra relação com a cidade, inclusive com outros distritos, como Kitayama e Saga. Embora tenha a restrição do distrito das gueixas, circula pelas regiões para além de Kyoto com maior interesse que seu pai, que se mantém mais atrelado aos lugares da tradição.

As vivências e rotinas diárias das personagens por um lado nos faz compreender que os percursos traçados e lugares freqüentados na cidade pelos homens e mulheres diferem por

conta de distinções (intrínsecas ao gênero) nas necessidades, exigências, responsabilidades e gostos que implicam numa seleção diferenciada dos lugares preferenciais; e por outro lado nos faz presenciar as restrições (mais ou menos fortes) de compartilhamento de certos lugares decorrentes da criação de barreiras invisíveis morais e/ou culturais por conta da territorialização dos gêneros na cidade e como isso contribui para particularidade de suas atividades diárias. A presença exclusiva sugere uma postura social de forte hierarquização das relações de gênero, que, por vezes, naturaliza certas atribuições de funções ou restrições de acesso a certos lugares. Os diferentes traçados dos espaços de vida das personagens sugerem como as diferentes gerações lidam de modos distintos com a efemeridade e mutabilidade da cidade.

As experiências de Chieko e Sada são as experiências de duas gerações vivendo numa Kyoto que se torna gradualmente um mosaico de lugares concebidos por valores distintos, em termos geracionais (cada geração concebe o mundo de sua própria maneira) e culturais (crescente influência do ocidente e modernização).

Nesse sentido, é interessante ver como os templos e santuários ocupam grande parte da narrativa. Dos 35 lugares mencionados no romance, 20 são templos e santuários, ligados aos festivais e atividades que marcam o calendário de Kyoto e fazem dela um grande destino para pessoas de todo o Japão (SHIMON; WILD, 2004). Kawabata focaliza estes lugares e even-

tos procurando enfatizar a profundidade e importância da tradição e sua forma de ver a cidade e a paisagem, defendendo para isso uma experiência estética mais lenta, mais adequada aos ritmos da natureza (SHIMON, 2000). A contraposição é ocidente e sua modernização mecânica VS. oriente e sua tradição de ouvir e contemplar.

**Tabela 2** – Lugares do Espaço de Vida de Sada e de Chieko em *Kyoto*, de Yasunari Kawabata

|        | NOME              | LUGAR                                                 | AÇÃO DESENVOLVIDA                                                                                                                                                                                          | ORIENTE/<br>OCIDENTE | LOCALIZAÇÃO |
|--------|-------------------|-------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|-------------|
| SADA   | Kitanojinja       | Templo                                                | Visita ao Kamishichiken                                                                                                                                                                                    | Oriental             | Kyoto       |
|        | Nakazato ochaya   | Casa de chá                                           | Visita ao Kamishichiken/Festival de dança de Kitano                                                                                                                                                        | Oriental             | Kyoto       |
| CHIEKO | Shuzan            | Vila                                                  | Visita a sua irmã Naeko                                                                                                                                                                                    | Oriental             | Kitayama    |
|        | Kozanji           | Templo                                                | Ver as folhas novas e verdes dos bordos nas imediações dos templos e visita a floresta de cedros de Kitayama e a aldeia de Shuzan com a amiga Masako                                                       | Oriental             | Kitayama    |
|        | Saimyoji          | Templo                                                | Ver as folhas novas e verdes dos bordos nas imediações dos templos e visita a floresta de cedros de Kitayama e a aldeia de Shuzan com a amiga Masako                                                       | Oriental             | Kitayama    |
|        | Jingoji           | Templo                                                | Ver as folhas novas e verdes dos bordos nas imediações dos templos e visita a floresta de cedros de Kitayama e a aldeia de Shuzan com a amiga Masako                                                       | Oriental             | Kitayama    |
|        | Nenbutsuji        | Templo                                                | Apreciar as florestas de bambu e constemplan as numerosas estatuas de Buda presentes no templo                                                                                                             | Oriental             | Saga        |
|        | Nonomiyajinja     | Templo                                                | Caminhar pelas densas florestas de bambu e percorrendo o campo a partir do Nonomiya encontrar a ampla região de Arashiyama (beleza cênica natural)                                                         | Oriental             | Saga        |
|        | Nison-in          | Templo                                                | Caminha por ele para alcançar o Nonomiya. Chieko gosta da estrada do templo Nison-in, por ser mais tranquila, menos movimentada de                                                                         | Oriental             | Saga        |
|        | Morika            | Loja                                                  | Comprar tofu que serve de base de o cozido típico yodôfu que Sada (pai de Chieko) aprecia                                                                                                                  | Oriental             | Saga        |
|        | Ponte Togatsu-kyo | Ponte                                                 | Pega o ônibus para retornar para Kyoto                                                                                                                                                                     | Oriental             | Saga        |
|        | Kadoya            | Casa para manter as Tayu (cortesãs de luxo)           | Assistir a representação das Tayu e expressões artísticas tradicionais                                                                                                                                     | Oriental             | Kyoto       |
|        | Daiichi           | Restaurante                                           | Vai jantar com seus amigos Ryusuke e Shinishi (cozido de tartaruga - Suppon)                                                                                                                               | Oriental             | Kyoto       |
|        | Nishiki           | Conjunto de estabelecimentos de produtos alimentícios | Compras cotidianas                                                                                                                                                                                         | Oriental             | Kyoto       |
|        | Yubahan           | Loja                                                  | Compra de yuba, alimento típico, apreciado principalmente na época do Festival de Gion                                                                                                                     | Oriental             | Kyoto       |
|        | Murayama Park     | Parque                                                | Chieko percorre vários templos com seu amigo Shinishi a fim de contemplar o por do sol das montanhas                                                                                                       | Ocidental            | Kyoto       |
|        | Otabisho          | Santuário                                             | Chieko prestou oferenda (incensos) aos deuses de Yasakajinja                                                                                                                                               | Oriental             | Kyoto       |
|        | Kamigojinja       | Templo                                                | Onde ocorre o Festival das Eras e Kyokusui-no-En (pessoas vestidas em trajes tradicionais sentadas ao longo das margens do córrego enquanto esperam o saquê trazido pela água escrevem poemas ou desenham) | Oriental             | Kyoto       |

Fonte: Elaborado a partir de Kawabata (2006).

As experiências cotidianas de Chieko e Sada simultaneamente revelam (1) o processo de vinculação (interação, identificação e intercâmbio) dos sujeitos com seus lugares (os que permanecem e os que se modificam ou desaparecem) e (2) as sensações, percepções que esses despertam elucidando o processo de incorporação de novos lugares ao ambiente citadino e aos espaços de vida. Lidar com as transformações da e na cidade provoca (em alguns mais que em outros) um sentimento de incômodo, pois exige um esforço maior de flexibilização do modo de ser, a qual, por vezes, conduz à sensação de insegurança existencial (MARANDOLA JR., 2008).

A Figura 3 mostra todos os lugares em um croqui, para evidenciar as relações topológicas entre os lugares e sua distribuição. Vemos a concentração clara dos lugares compartilhados na parte mais antiga de Kyoto, na margem esquerda do rio Kamo, onde estão concentrados os templos e onde a própria loja-casa dos Sada se localiza. Por outro lado, o Oeste, em direção a Saga e Kytayama, e na margem direita do rio Kamo é onde estão concentrados os lugares de Chieko, que mostrando sua busca por outros lugares e experiências na cidade, sem a restrição dos lugares tradicionais ou de limitações de meio de transporte.

Embora Chieko também circule muito pelos lugares da tradição, ela mantém com eles uma relação de deslumbramento de igual peso para com seu espanto diante de modernidades, como o rádio Sony que vê na loja. Sua ligação

com a tradição é amarrada aos lugares compartilhados pela família. Mesmo nos lugares da tradição, ela está aberta para o novo, como suas conversas com seu amigo Shinishi.

As transformações na paisagem incomodam Sada, mas desperta em Chieko apenas o interesse curioso. A forma de ambos lidarem com tensão gerada por estas transformações e mesclas iconográficas da paisagem que tornam as delimitações entre o “eu” e o “outro” menos nítidas diferem. O possível rompimento com um estado de continuidade e estabilidade causa de forma singular (diferentes graus) incertezas e insegurança com relação à identidade individual (ou mesmo coletiva). Sada tenta se proteger deste processo ao concentrar seu cotidiano em lugares ligados à tradição, evitando o intercâmbio com o ocidente e a nova Kyoto que se construía. A sua resistência passava diretamente pela valorização cotidiana e sazonal da tradição, seus lugares e eventos. A escolha dos caminhos se dava pelo desejo de manter estes valores e uma identidade ligada à antiga capital.

O romance *Kyoto* se constitui como uma congregação dos sentidos essenciais que ligam os sujeitos a suas cidades. As dicotomias da sociedade japonesa e suas visões de mundo que orientam a geografia literária do romance: o feminino e o masculino; a rigidez social; os costumes e as tradições sobrevivendo ou morrendo diante das transformações das grandes cidades e da ocidentalização; os silêncios e os gestos frente ao ritmo acelerado da modernidade nos reve-

lam especificidades na ligação do sujeito com o ambiente, o lugar e a paisagem da velha capital.

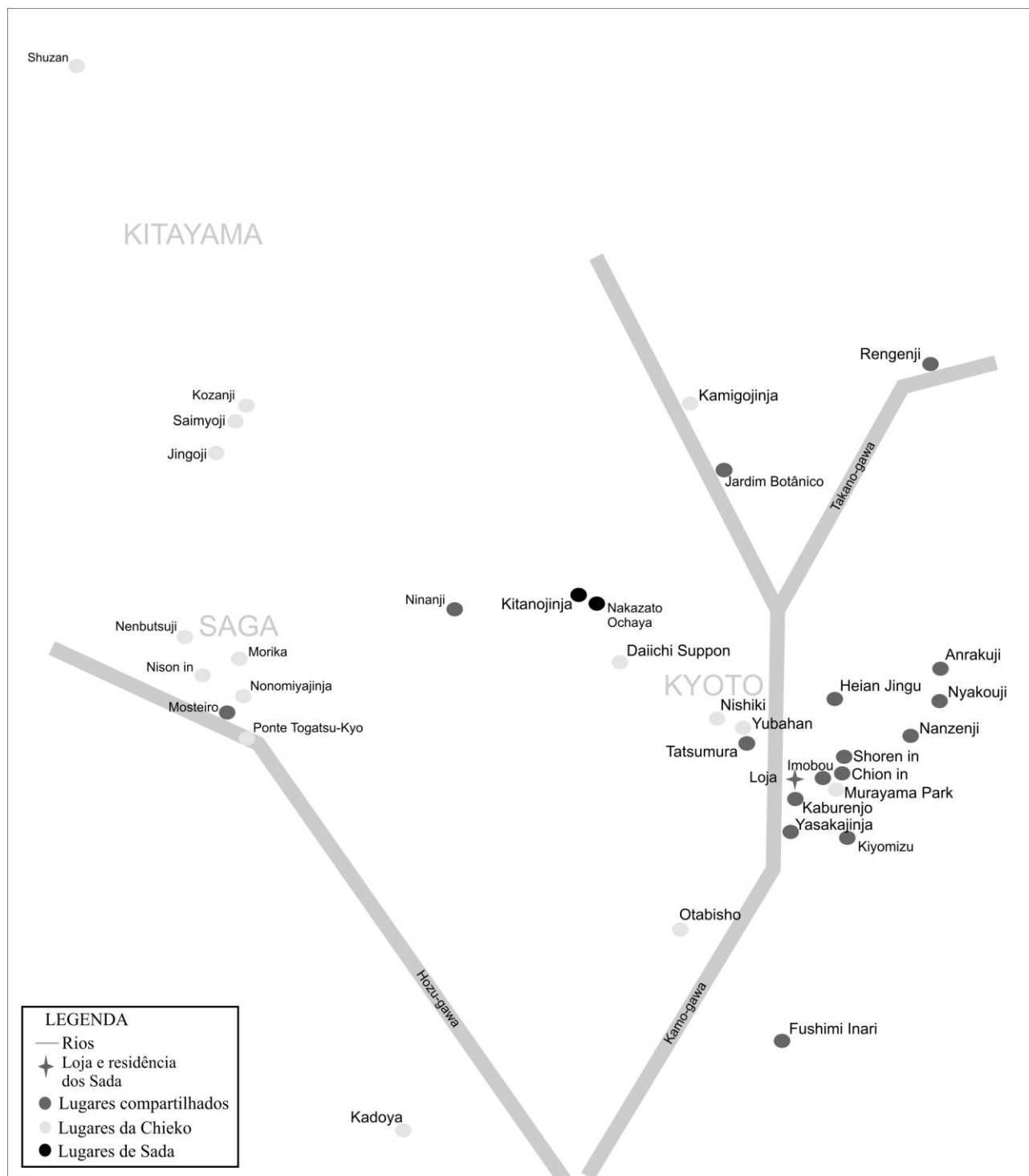


Figura 3 – Topologia e distribuição dos lugares do Espaço de Vida de Sada e de Chieko em Kyoto, de Yasunari Kawabata

O conflito entre o ideal e a realidade contrastante vivido na velha capital é expresso pela forma como as duas gerações de uma família

imersas num circuito de atividades culturais seculares de um bairro tradicional de Kyoto se relacionam com a cidade, com as pessoas e com

o mundo. A percepção da paisagem, o envolvimento com os lugares, com restrições e aberturas em cada um dos casos, são a chave que Kawabata forjou para acessar as tramas de Kyoto, em suas geograficidades e espacialidades.

## 6 ENTRE TRAMAS E PERSONAGENS: GEOGRAFIAS LITERÁRIAS

Nossa leitura da obra literária, *Kyoto*, pode ser entendida como um meio de explorar geograficamente um mundo diverso, desconhecido: oriental tradicional, de conhecer em sua essência e internalidade a forma singular de construção das geografias num microcosmo constituído por outra estrutura cultural/social (novo universo de significados). A aproximação geografia-literatura viabilizou a aprendizagem das formas de edificação das geograficidades, na cidade de Kyoto, ao mesmo tempo em que nos desvelou a cidade. A narrativa de *Kyoto* conecta o leitor ao mundo das personagens permitindo que esse alcance as ações e relações que engendram a constituição das formas de ser e estar na cidade.

Os mapas dos espaços de vida de Chieko e de Sada revelam as relações topológicas estruturantes das geografias vividas, desvelando as invisibilidades dos aspectos internos à experiência. O romance, expressão organizada do amontoado de impressões e estímulos apreendidos na interação intersubjetiva sujeito(autor)-mundo revela experiências possíveis da cidade. E por isso a morfologia topológica permite pensar

“que é Kyoto?” em sua dimensão experiencial. Os percursos das personagens revelam contornos da cidade fomentando sua idealização imagética.

A velha capital vai se configurando como um espaço de múltiplas presenças que vão se mesclando e diversificando a experiências urbanas. Kyoto se configura como um universo rico em signos, códigos e símbolos, que remetem aos valores e concepções de mundo seculares perpassadas por um envolvimento intuitivo, telúrico e sagrado com o mundo. Contudo, esse universo foi invadido por sistemas simbólicos externos, que coloca os que vivem a velha capital em contato com novos referenciais, com o estranho. Essa mescla entre tradição e modernidade propicia novas experiências, complexifica a forma de relacionar-se com o mundo, pois requer alternâncias nos sistemas de decodificação.

Kawabata oferece em *Kyoto* um texto narrativo permeado pela geograficidade literária, em que emerge um conhecimento experiencial vivido. O autor funda geografias permeadas de poética e imaginação, colocando em evidência aspectos intrínsecos das interações sujeito-mundo (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010). A expressão por meio da obra literária das experiências cotidianas das personagens permite o encontro com outras formas de existir no mundo, que conduz a uma compreensão das diversas maneiras de organizá-lo e concebê-lo.

Mas esta experiência está fundada na relação de envolvimento com os lugares da cidade,

mediadas por horizontes de sentido como o gênero, a idade e a inserção nos diferentes sistemas de valores. Estes são revelados pela cartografia literária que ilumina a espacialidade fundante do romance. A partir desta, podemos alçar outros vãos, em busca da diversidade de experiências geográficas e literárias que se oferecem enquanto possibilidades de ser-e-estar-no-mundo.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, H. Ficção e verdade nas cidades de Murilo Rubião. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo C. (Org). **O imaginário da cidade**. Brasília: Editora UNB, 2000, p..
- BROSSEAU, M. Geography's literature. **Progress in Human Geography**, v.18, n.3, p.333-353, 1994.
- BUENO, A. L. L. Sinais da cidade – forma literária e vida cotidiana. In: LIMA, R.; FERNANDES, R. (Org.). **O imaginário da cidade**. São Paulo, Brasília: Editora da UnB e Imprensa Oficial de São Paulo, 2000, p. 89-110.
- COSTA, M. H. B. V. A Cidade como Cinema Existencial. **Revista RUA – Revista de Urbanismo e Arquitetura**, v. 7, n. 2, p. 34-43, 2006.
- FERRARA, L. D. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 1997.
- GRATÃO, L. H. B. Por entre becos & versos – a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina. In: MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B (Orgs.). **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.
- KAWABATA, Y. **Kyoto**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.
- KNELLER, G. F. **Arte e Ciência da criatividade**. Tradução de J. Reis. São Paulo: IBRASA, 1978.
- MARANDOLA, J. A. M. S. O geógrafo e o romance: aproximações com a cidade. **Geografia**, Rio Claro, v. 31, n. 1, p. 61-81, 2006.
- MARANDOLA JR., E. *Habitar em Risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana*. 2008. 278f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MARANDOLA JR., E.; OLIVEIRA, L. de Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, 2009.
- MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B. Geograficidade, poética e imaginação. \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010. p.7-15.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MORETTI, F. **Atlas do romance europeu 1800-1900**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A literatura vista de longe**. Tradução Anselmo Pessoa Neto. Porto Alegre: Arquipélago, 2008.
- OLIVEIRA JR., W. M. Chuva de cinema: entre a Natureza e a Cultura. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 9, n. 16 e 17, p. 3-20, 2001.
- PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade - visões literárias do urbano**: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS. 2002.
- PINHEIRO, D. J. F. e SILVA, M. A. da. A Escrita das Cidades. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE, 1, Londrina, 2005. **Anais...** Londrina: LPUR/UUEL, 2005.

POCOCK, D. C. D. Geography and literature. **Progress in Human Geography**, v. 12, n. 1, p. 87-102, 1988.

QUEIROZ FILHO, A.C. Geografias de Cinema: a espacialidade dentro e fora do filme. **Estudos Geográficos**, v. 5, n. 2, p. 73-91, 2007.

SIHIMON, M. **A concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shosetsu**. Porto Alegre: UREGS. 2000.

SHIMON, M.; WILD, S. L. Festivais de Kyoto em Koto de Kawabata Yasunari. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA JAPONESA, 15, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro, 2004. p.319-325.

SILVA, A. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

TUAN, Yi-Fu. Literature and Geography: implications for geographical research. In: LEY, D.; SAMUELS, M. S. (Eds.) **Humanistic Geography: prospects and problems**. Chicago: Maaroufa Press, 1978. p. 194-206.

\_\_\_\_\_. **Passing Strange and Wonderful: aesthetics, nature and culture**. Washington, D.C.: Island Press, 1993.

TODOROV, T. **A literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

WRIGHT, J. K. Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.37, p.01-15, 1947.

---

<sup>1</sup> Bolsista IC/Unicamp, Núcleo de Estudos de População, Universidade Estadual de Campinas  
pmdg06@nepo.unicamp.br

<sup>2</sup> Geógrafo, Pesquisador do Núcleo de Estudos de População, Universidade Estadual de Campinas  
eduardom@nepo.unicamp.br.

<sup>3</sup> Um dos distritos das gueixas de Kyoto.

<sup>4</sup> Vestuário tradicional japonês utilizado por homens, mulheres e crianças.

---

<sup>5</sup> Faixa utilizada para prender o kimono. Possui grande diversidade de tamanhos e cores, servindo como adorno do kimono.

<sup>6</sup> Refere-se tanto a cerejeira (árvore) quanto as flores de cerejeira.

<sup>7</sup> Hábito dos japoneses de se reunirem às sombras das árvores em parques e jardins, no início da primavera, época do florescimento das sakura.

<sup>8</sup> Gigantesco ideograma de “dai” (que significa grande) construído com a queima de fogos na encosta de Nyoigadake (monte localizado em Kyoto).